Evento Nacional enactus Brasil 2026 IV SIMPÓSIO NACIONAL EXTENSÃO XI SNESEB
CAMPO GRANDE - MS
DE 21 À 24 DE JULHO DE 2025
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL

CRISE DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA E ODS 8: O PAPEL DA PARADIPLOMACIA NO COMBATE AO DESEMPREGO NO MUNICÍPIO (1990 - 2020)

Alice Klein[1]; Elisa Furlan Gomes[2] e Maria Fernanda Furlan[3]

Resumo

A indústria calçadista de Franca, historicamente um dos principais polos do setor no Brasil, enfrenta um declínio significativo devido à concorrência internacional, mudanças nos padrões de consumo e desafios econômicos. Diante desse cenário, este estudo analisa a paradiplomacia como estratégia de reindustrialização e geração de emprego, investigando como relações internacionais descentralizadas podem estimular a competitividade local. As iniciativas paradiplomáticas, nesse viés, podem fortalecer a indústria calçadista francana por meio de parcerias internacionais, atração de investimentos estrangeiros e participação em redes globais de comércio. A pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e análise de dados sobre o impacto da globalização na economia local.

Palavras-chave: Desindustrialização; Indústria calçadista; Paradiplomacia; Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

A indústria calçadista de Franca, outrora reconhecida como a capital do calçado masculino no Brasil, enfrenta um cenário de declínio desde a década de 1990, impulsionado pela desindustrialização nacional. Segundo os pesquisadores Silvestrin e Triches (2007), a abertura comercial e a valorização do real afetaram a competitividade do setor, resultando no fechamento de fábricas e na migração de empresas para estados com menores custos tributários e de mão de obra, como Ceará, Rio Grande do Sul e Paraíba. Diversas fábricas de Franca, como *Agabê* e *Ferracini*, se mudaram para outras regiões do país, como as citadas no presente trabalho, onde o valor do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e da mão de obra era inferior ao de Franca. Além disso, a concorrência internacional, especialmente com a ascensão da indústria calçadista chinesa[4], baseada em grandes fábricas e mão de obra barata, reduziu a participação brasileira no mercado global.

A partir desse panorama geral do município, é relevante destacar sua geografia e história brevemente. Franca está localizada em uma região estratégica, a nordeste do estado de São Paulo, a poucos quilômetros de Minas Gerais, não longe das províncias de Goiás e Mato Grosso e bem articulada com o restante de São Paulo (REZENDE, 2017; TOSI, 1998). A trajetória industrial de Franca tem raízes históricas no comércio de couro e na urbanização da região

[1] Graduanda em RELAÇÕES INTERNACIONAIS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP (alice.klein@unesp.br).
[2] Graduanda em RELAÇÕES INTERNACIONAIS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP (elisa.furlan@unesp.br).
[3] Graduanda em RELAÇÕES INTERNACIONAIS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP (maria.furlan@unesp.br).
[4] De acordo com pesquisas da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), a indústria de calçados da China, do Vietnã e da Indonésia exportam cerca de 11.000 milhões de pares anualmente.

durante o século XIX, fortalecendo-se ao longo do século XX com incentivos fiscais por parte da prefeitura, do Estado e sobretudo movido por investimentos de terceiros, e políticas de fomento à exportação, sobretudo durante o regime militar (MALATIAN, 1998).

Já no final do século XX, inicia-se um declínio industrial fomentado pela abertura comercial acelerada, marcada pela redução de tarifas, eliminação de mecanismos protecionistas e pelo aumento das taxas de juros, que estimularam investimentos especulativos em detrimento da indústria. O capital estrangeiro, por sua vez, foi direcionado majoritariamente para setores não industriais, como serviços e finanças. Aliado a isso, a crise de 2008[5] agravou essa conjuntura, pois a desaceleração econômica global e as políticas agressivas de exportação de manufaturados por parte dos EUA e da China aumentaram a pressão sobre a indústria brasileira.

Nesse contexto, a atuação do município de Franca pode ser analisada a partir da participação ativa de governos subnacionais em âmbitos nacional e internacional para promover seus interesses econômicos e comerciais. Esse fenômeno de atuação diplomática de atores não estatais é denominado paradiplomacia, conceito relativamente recente no campo de estudos das Relações Internacionais (RI) e que foi consolidado no vocabulário da área em meados de 1980 a partir das pesquisas dos professores de Ciências Políticas, como Panayotis Soldatos[6], cujo conceito foi utilizado nesta pesquisa, e Duchacek[7].

Dado esse panorama geral, o objetivo principal deste estudo é analisar como a paradiplomacia, enquanto ferramenta de políticas públicas, pode ser utilizada para inserir Franca no mercado externo, de modo a promover parcerias internacionais, atração de investimentos estrangeiros e participação em redes globais de comércio sustentável. Ademais, a pesquisa visa também destacar o papel das políticas públicas e das iniciativas de cooperação internacional na criação de um ambiente favorável à recuperação da indústria calçadista, de forma a alinhar-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), voltado especialmente no que tange ao crescimento econômico sustentável e à promoção do trabalho decente relativo ao ODS 8[8].

REVISÃO DA LITERATURA

A discussão sobre o processo de desindustrialização no Brasil tem sido central em diversos estudos acadêmicos nas últimas décadas, sobretudo no que tange ao impacto sobre economias regionais tradicionalmente industriais. Cano (2012), em “A desindustrialização no

[5] Segundo dados da revista Gestão & Produção, do Departamento de Engenharia de Produção (DEP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a crise de 2008 agravou os índices de desemprego em Franca, a terceira cidade do país que mais desempregou em dezembro do mesmo ano. Com saldo negativo de 11.101 empregos, Franca ficou atrás apenas das metrópoles, São Paulo (-37.286) e Manaus (-11.938). No final de 2010 e início de 2011, a questão do desemprego se repetiu: o município ocupou em janeiro de 2011 o oitavo posto entre as cidades que mais geraram desemprego no país, tendo sido em dezembro de 2010 a segunda cidade paulista (e uma das dez do país) que mais desempregou.

[6] Panayotis Soldatos, professor emérito da Universidade de Montréal.

[7] Ivo Duchacek, professor emérito na City College of New York.

[8] O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 8, proposto pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), visa "promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos", o qual enfatiza a importância de condições dignas de trabalho, da inovação e do empreendedorismo como meios de fomentar economias resilientes e equitativas, especialmente em contextos de transformação industrial e tecnológica.

Brasil", oferece uma análise mais abrangente sobre o fenômeno, destacando que a abertura comercial dos anos 1990, combinada à sobrevalorização do real e à ausência de políticas industriais robustas, resultou em um enfraquecimento da estrutura produtiva nacional. Cano sustenta que essa desindustrialização precoce comprometeu a capacidade do país de competir em mercados globais e acentuou as desigualdades regionais.

No contexto específico da cidade de Franca, a pesquisa de Martins de Queiroz (2022), "O processo de desindustrialização da indústria coureiro-calçadista de Franca-SP de 2000 a 2020", representa um avanço significativo. O autor analisa a decadência da indústria calçadista local, identificando como principais fatores a perda de competitividade frente aos produtos vindos, sobretudo, da Ásia, os custos elevados de produção e a escassez de políticas públicas de reestruturação produtiva. Embora o trabalho contribua ao evidenciar dados econômicos e estatísticos da região, carece de uma abordagem mais aprofundada quanto às possibilidades de reindustrialização baseadas em mecanismos de articulação internacional ou inovação institucional, como a paradiplomacia.

Complementando essa visão, Silvestrin e Triches (2007), ao investigarem os reflexos das importações chinesas sobre o setor calçadista brasileiro no período de 1994 a 2004, apontam que o avanço da China no mercado internacional representou um desafio estrutural à indústria nacional, cuja resposta foi limitada e descoordenada. Essa constatação reforça a necessidade de se pensar estratégias além da esfera federal, o que leva ao campo de atuação dos entes subnacionais.

É nesse ponto que se insere a contribuição teórica de Michelmann e Soldatos (1990), autores fundamentais na formulação do conceito de paradiplomacia. Em "*Federalism and International Relations"*, destaca-se o papel ativo de unidades subnacionais, como estados e municípios, nas relações internacionais contemporâneas, configurando-se como paradiplomacia. Esses atores não estatais possuem, segundo os pesquisadores, capacidade de promover políticas econômicas, comerciais e culturais próprias no plano internacional, o que pode ser especialmente relevante para regiões em crise industrial, como Franca. Na mesma linha, Oddone (2011), em "*Gobernanza, sociedad civil y frontera"*, amplia a discussão ao incorporar a noção de governança multinível e a importância da sociedade civil nos processos de articulação regional e internacional. Oddone defende que a paradiplomacia deve ser compreendida como uma forma autônoma de gestão territorial que envolve múltiplos atores, incluindo empresas, universidades e organizações não governamentais.

Por fim, o trabalho de Tosi (2002), "Capitais no interior", contribui com uma leitura histórica e geográfica da formação econômica de Franca. Tosi demonstra como a localização estratégica da cidade e sua trajetória de urbanização favoreceram o desenvolvimento de uma indústria calçadista sólida ao longo do século XX. Contudo, sua análise também sugere que a dependência de um único setor produtivo torna a economia local vulnerável a choques externos, sendo este último um ponto ainda pouco explorado na obra.

Dessa forma, a revisão da literatura revela importantes avanços no diagnóstico da crise industrial brasileira e francana, bem como no entendimento da paradiplomacia como estratégia alternativa de inserção internacional. No entanto, identificam-se algumas lacunas, como a escassez de estudos que conectam diretamente a teoria da paradiplomacia com práticas concretas de reindustrialização em cidades médias brasileiras; há também divergências sobre o grau de autonomia real dos entes subnacionais em contextos federativos como o brasileiro,

marcados por centralização fiscal e institucional. Além disso, pouco se discute sobre a articulação entre paradiplomacia e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente no que diz respeito ao ODS 8.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como recorte temporal o período entre 1990 e 2020 e adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de analisar os impactos da desindustrialização na indústria de calçados de Franca e investigar o potencial da paradiplomacia como estratégia para sua reindustrialização e inserção no mercado global. Para tanto, a pesquisa apoia-se em uma revisão bibliográfica que abrange artigos científicos e estudos acadêmicos obtidos por meio da Biblioteca da Unesp - Campus de Franca, bem como por ferramentas de busca acadêmica, como *SciELO* e *Google Acadêmico*. A seleção das obras considerou, ainda, a utilização das seguintes palavras-chave: Desindustrialização; Indústria calçadista de Franca-SP; Paradiplomacia, com o objetivo de aprofundar a compreensão acerca da desindustrialização, dos *clusters* industriais, da paradiplomacia e da inserção internacional de economias locais. Além disso, a pesquisa recorre à análise documental e ao levantamento de dados secundários para examinar a produção de calçados, o emprego e as exportações do setor calçadista de Franca ao longo das décadas, de modo a identificar as tendências, os desafios e as oportunidades no cenário global.

RESULTADOS

Para compreender o processo de desindustrialização em Franca, é preciso destacar a importância desta cidade para a economia regional. De acordo com Silvestrin e Triches (2007), o município possui uma estrutura produtiva denominada *cluster*, que são concentrações geográficas de empresas e instituições que se inter-relacionam dentro de um setor específico. Desse modo, o setor de calçados em Franca impulsiona diversos segmentos que vão para além das fábricas, como produtores de insumos, solados, adesivos, curtumes, matrizarias, máquinas e diversas outras atividades do ramo. Isso pode ser evidenciado através de dados do SEADE[9], os quais demonstram que, no ano de 2012, o setor calçadista representava aproximadamente 70% dos estabelecimentos e dos trabalhadores industriais na cidade. Além do mais, o Sistema expõe que o parque fabril calçadista de Franca foi responsável por 40% dos empregos no município no mesmo ano e que o município contribui com cerca de 80% do Valor Adicionado Fiscal da indústria[10].

Por outro lado, a desindustrialização no país teve um impacto significativo na cidade, que também enfrenta desafios decorrentes desse processo. Um dos principais fatores que ilustram essa realidade foi a abertura comercial do Brasil iniciada no governo Sarney (1985-1990), a qual, de forma acelerada, derrubou tarifas de importações, mecanismos protecionistas

[9] O Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) é uma fundação pública vinculada ao Governo do Estado de São Paulo, responsável pela produção e divulgação de informações estatísticas, sociais, econômicas e demográficas sobre o estado e seus municípios.

[10] O Valor Adicionado Fiscal (VAF) da indústria corresponde a um indicador utilizado para mensurar a geração de riqueza em âmbito municipal. Os dados disponíveis englobam tanto a fabricação de calçados quanto a produção de couro, devido à ausência de informações com o nível de detalhamento e atualização necessário por setor de atividade na base da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo (São Paulo, 2012).

e adicionou o efeito negativo proporcionado pelo câmbio valorizado. Esse cenário produziu uma perda significativa da competitividade da indústria nacional frente à internacional (QUEIROZ, 2022, p. 33). Além do mais, neste mesmo período, ocorreu o aumento das taxas de juros, o que produziu maiores investimentos na esfera especulativa e menores em negócios físicos, como por exemplo, nas indústrias. Para Cano[11] (2012), uma indústria que não investe, se torna obsoleta, nutre uma grande dificuldade em assimilar os processos técnicos do dia a dia e deixa participar do desenvolvimento econômico de seu país.

Nesse viés, destaca-se a valorização da moeda nacional em relação ao dólar norte-americano entre 1994 e 1998, o que levou a um aumento das importações de mercadorias do Sudeste Asiático, especialmente da China. Silvestrin e Triches (2007) afirmam que:

> O Brasil exporta calçados para dezenas de países localizados nas mais distintas partes do planeta. Entretanto, a grande concentração das vendas, ou seja, cerca de 70% são dirigidas aos Estados Unidos. A perda relativa de participação brasileira no mercado internacional desde o final da década de 90 deve-se, entre outros fatores, à dificuldade de expandir as vendas de calçados para aquele mercado. Isso significa que as exportações de calçados brasileiros não conseguem acompanhar o ritmo de crescimento dos produtos chineses nos EUA (SILVESTRIN; TRICHES, 2007, p. 20).

Segundo tais pesquisadores, as fábricas do setor calçadista não estavam preparadas para tal transformação abrupta, o que favoreceu um período de recessão. Tal processo levou algumas empresas a se deslocarem para outras regiões do país com maior vantagem competitiva - como mão de obra em grande quantidade e barata - e levou outras à falência.

Nessa conjuntura, a recessão de 2008 também foi um dos pretextos da desindustrialização, não só francana, mas também nacional. Nesse contexto, grandes potências como os Estados Unidos e a China, optaram por desenvolver políticas agressivas no mercado internacional para alavancar as exportações e recuperar o terreno que foi perdido. Dessa forma, os países subdesenvolvidos, tal qual o Brasil, perderam sua posição na produção industrial, algo que continuou após a crise em 2010, em que o país correspondia a apenas 1,7% na produção da indústria global, sendo que em 1980 havia representado 2,8% (QUEIROZ, 2022). Esse quadro gerou impacto significativo nos estados e municípios brasileiros, uma vez que afetou a possibilidade das empresas atuantes, instaladas e em operação no país de participar da economia internacional.

Embora ainda seja o maior polo de calçados masculinos do país, Franca enfrenta um declínio contínuo na produção e na oferta de empregos no setor. Em 2013, o setor empregou 30,3 mil trabalhadores e produziu 39,5 milhões de pares de calçados. No entanto, em dezembro de 2015, esses números sofreram uma queda significativa, com apenas 17,7 mil trabalhadores e 33 milhões de pares produzidos, o que representou o fechamento de 12,6 mil postos de trabalho e uma redução de R$1,9 bilhão na produção. Esse quadro se agravou quando comparado a décadas anteriores: em 2010, Franca produziu 25,9 milhões de pares e exportou US$95,74 milhões, enquanto em 2005, a exportação atingiu US$163,4 milhões, com 8,5 milhões de pares enviados ao exterior. O auge da indústria calçadista local ocorreu em 1984,

[11] Professor Titular do Centro de Estudos de Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Unicamp (Cede/IE/Unicamp), Campinas, SP, Brasil.

quando mais da metade dos 32 milhões de pares produzidos foi exportada, gerando US$164,5 milhões (TIZZIOTTI et al, 2019). Esses dados mostram a perda de competitividade da indústria, com queda no emprego e na participação de Franca no mercado internacional, impactando diretamente a economia local.

DISCUSSÃO

É dentro dessa conjuntura que a paradiplomacia pode ser posta como um instrumento de política pública capaz de ampliar as chances de inserção da indústria calçadista de Franca no cenário global, de modo a possibilitar o crescimento da economia do município e, concomitantemente, a impulsionar a oferta de empregos na região. Nesse viés, atores, como cidades, municípios, estados federados e regiões, podem desenvolver relações externas com entidades estrangeiras, sejam elas públicas ou privadas, de modo a promover resultados socioeconômicos ou políticos favoráveis. Desse modo, defende-se que a paradiplomacia pode ser capaz de fortalecer o processo de industrialização por meio de seis vias.

A primeira via trata-se da atração de investimentos, nesse fenômeno atores subnacionais podem atrair o chamado investimento estrangeiro direto (IED) a fim de desenvolver seus setores industriais por meio da participação em redes internacionais, da promoção de atrativos econômicos em eventos no exterior ou de estabelecer escritórios de representação em outros países. A segunda maneira, caracteriza-se pela busca de novos mercados e, neste ponto, a paradiplomacia é capaz de permitir a exploração de mercados globais para as empresas locais mediante a participação dos atores em feiras comerciais e da realização de acordos de cooperação econômica. Já a terceira maneira relaciona-se com a transferência tecnológica e de conhecimento, que ocorre por meio de parcerias internacionais, como colaborações em pesquisa, intercâmbios entre universidades e empresas estrangeiras.

Ademais, a quarta forma engloba o desenvolvimento de cadeias de valores internacionais, e nesse âmbito, a paradiplomacia pode auxiliar na integração das indústrias locais em cadeias de valores globais, posto que, ao estabelecer relações com outras regiões ou países com setores industriais complementares, os atores subnacionais podem criar oportunidades para suas empresas e se especializar em etapas específicas da produção, aumentando a eficiência e a competitividade. A penúltima estratégia envolve a promoção de políticas públicas favoráveis à industrialização e, nesse viés, a experiência internacional adquirida por meio da paradiplomacia pode inspirar e informar a formulação de políticas públicas locais e regionais mais eficazes para o desenvolvimento industrial. Por fim, menciona-se que a participação em blocos regionais e iniciativas de integração permite que os atores subnacionais defendam seus interesses e promovam a cooperação industrial dentro do bloco. Exemplo disso, ocorre em contextos de integração regional, como o Mercosul, em que a paradiplomacia pode ser utilizada para influenciar agendas e políticas que beneficiem a industrialização em nível subnacional.

Nesse ínterim, a paradiplomacia, para fins de desenvolvimento público, pode ser uma ferramenta para mitigar o problema da desindustrialização de Franca, especialmente ao ser direcionada para o alcance do ODS 8, pois, através desses dois meios, é possível realizar uma atração de IED em novos setores. Assim, Franca, através de sua administração local, pode engajar-se internacionalmente para atrair investimentos em setores diversificados, além do

calçado, como na indústria têxtil, que tem apresentado crescimento devido à sua importância para a produção de calçados[12].

Outrossim, ressalta-se que o município não dispõe de uma estrutura consolidada voltada à internacionalização[13], o que corrobora para a geração de lacunas nesta área e contribui para que os avanços ocorram de maneira lenta e limitada. Assim, ao estabelecer cooperação com instituições de pesquisa e desenvolvimento nacionais e estrangeiras, Franca pode viabilizar a transferência de tecnologias, modernizar processos produtivos e impulsionar a criação de novas áreas industriais, de forma a elevar a competitividade do setor local e, com isso, poder-se-á reduzir desperdícios e otimizar o uso de recursos.

Paralelamente, o fortalecimento de instituições no município, como a Associação do Comércio e Indústria de Franca (ACIF), pode estimular a geração de empregos qualificados, incentivar o surgimento de novos negócios e promover a diplomacia de entes subnacionais, especialmente no que tange o próprio Departamento de Negócios Internacionais da Associação. Aliado a isso, a Associação Brasileira de Indústrias de Calçados (Abicalçados) deve atuar como uma parceira para a indústria calçadista francana, tendo em vista seu propósito de "defesa de pleitos relevantes para o setor, como desoneração tributária, ampliação do crédito, reforma trabalhista, melhorias logísticas [...]". Portanto, ao integrar inovação, sustentabilidade e internacionalização, Franca pode mitigar os impactos da desindustrialização e consolidar um crescimento econômico mais resiliente e dinâmico.

CONCLUSÃO

O processo de desindustrialização em Franca reflete uma tendência nacional que compromete a competitividade do setor calçadista. A abertura comercial acelerada e a valorização cambial impuseram desafios significativos, resultando na perda de postos de trabalho e na redução da participação da cidade no mercado global. Frente a isso, a paradiplomacia, como ferramenta de política pública, se apresenta como uma estratégia viável para reverter essa conjuntura, a partir da atuação de atores subnacionais na busca por investimentos, parcerias tecnológicas e novos mercados, o que pode gerar impactos positivos para a economia francana, promover a modernização industrial e fortalecer o sistema de *clusters* da cidade.

Ademais, o alinhamento das estratégias de reindustrialização com os princípios do ODS 8 pode garantir que o desenvolvimento econômico local ocorra de forma sustentável e inclusiva, servindo como um norte para políticas públicas voltadas à geração de empregos e ao fortalecimento da indústria local. A atração de investimentos em setores complementares e a integração em cadeias globais de valor são medidas fundamentais para revitalizar a indústria calçadista francana. Portanto, para enfrentar os desafios impostos pela globalização e pela

[12] Dados do Ministério do Trabalho afirmam que em 2012 havia cerca de 302 estabelecimentos na indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos (REZENDE; MELO JÚNIOR; CARLONI, 2014, p. 44).

[13] Apenas a Associação do Comércio e Indústria de Franca (ACIF) conta com um Departamento de Negócios Internacionais, mas que devido às crises, se encontra fragilizada atualmente. A ACIF é uma entidade representativa da classe empresarial do município, que atua no apoio ao desenvolvimento econômico local por meio da oferta de serviços, capacitações, representação institucional e promoção de ações voltadas ao fortalecimento do comércio, da indústria e do empreendedorismo regional.

desindustrialização, é essencial que o município adote uma abordagem proativa, consolidando-se como um polo produtivo dinâmico e competitivo no cenário internacional.

ABICALÇADOS. **Associação Brasileira das Indústrias de Calçados**. Disponível em: https://abicalcados.com.br/. Acesso em: 23 de março de 2025.

ACIF. **Associação do Comércio e Indústria de Franca**. Disponível em: https://www.acifranca.com.br/. Acesso em: 28 de março de 2025.

CANO, Wilson. **A desindustrialização no Brasil.** *Economia e Sociedade*. Campinas, v. 21, n. spe, p. 831-851, 2012.

DUCHACEK, Ivo D. **The international dimension of subnational self-government**. *Publius*, v. 14, n. 4, p. 5–31, 1984.

MALATIAN, Teresa M. "Memória e identidade entre sapateiros e curtumeiros". *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.16, n. 31/32, 1996, p. 198.

MARTINS DE QUEIROZ, Gabriel. ***O processo de desindustrialização da indústria coureiro-calçadista de Franca-SP de 2000 a 2020***. 2022. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2022.

MICHELMANN, Hans; SOLDATOS, Panayotis. ***Federalism and international relations: the role of subnational units***. Oxford: Clarendon Press, 1990.

ODDONE, Nahuel. ***Gobernanza, sociedad civil y frontera***. México: Universidad Autónoma de Baja California, 2018. Cap. 1: Paradiplomacia transfronteriza: la constitución de una comunidad epistémica latinoamericana.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ***Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 8: trabalho decente e crescimento econômico***. Brasília: ONU Brasil, [2023?]. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/8. Acesso em: 10 abr. 2025.

REFERÊNCIAS

REZENDE, Michelle Pereira de; MELO JÚNIOR, Tadeu Artur de; CARLONI, Alessandro Ramos. **Proposta de implantação de pequena empresa têxtil com uso de produto reciclado de PET em Franca-SP**. *Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos*, v. 6, n. 1, p. 38-59, 2014.

REZENDE, Vinicius de. ***Vidas fabris: trabalho e conflito social no complexo coureiro-calçadista de Franca-SP (1950-1980)***. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2017.

SEADE. **Fundação SEADE**. Disponível em: https://www.seade.gov.br/institucional/fundacao-seade/. Acesso em: 29 mar. 2026.

SILVESTRIN, Luisiane Evelise; TRICHES, Divanildo. **A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004.** *Econômica*, v. 10, n. 1, p. 145-170, 2007.

SINDIFRANCA. **Setor Calçadista**. Disponível em: https://sindifranca.org.br/setor-calcadista/. Acesso em: 28 mar. 2026.

TIZZIOTTI, Catarine Palmieri Pitangui; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra; BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Arranjos produtivos locais: uma análise baseada na participação das organizações locais para o desenvolvimento**. *Gestão & Produção*, v. 26, n. 2, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-530x-2579-19. Acesso em: 23 mar. 2025.

TOSI, Pedro Geraldo. ***Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945).*** 1. ed. Franca: [s.n.], 2002.